

BIBLIOTECÁRIO NÃO, GESTOR DA INFORMAÇÃO

**SOBRAM VAGAS PARA OS ESPECIALISTAS EM GERIR A MERCADORIA
MAIS VALIOSA PRODUZIDA PELO HOMEM: O CONHECIMENTO**

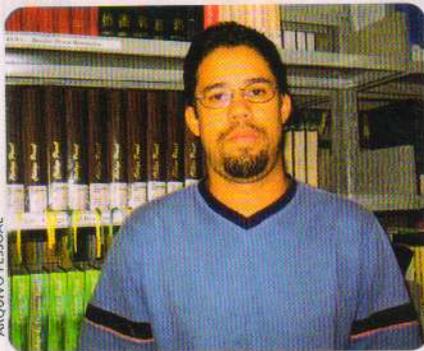
Christiano Nascimento queria ser engenheiro civil. Na hora de marcar a opção na ficha do vestibular, mudou de idéia — até hoje não sabe explicar por quê. Assinalou biblioteconomia sem ter noção do que a palavra significava. Na primeira semana de aula, descobriu que tinha alguma coisa a ver com bibliotecas e nada em comum com cálculos. Poderia ter sido o maior erro de sua vida. Deu sorte. Sem saber, escolheu uma carreira cuja missão é organizar a mercadoria mais importante do século XXI: a informação. Não à toa, os empregos sobram, os salários estão em alta e o mercado profissional se expande para áreas muito longe de estantes empoeiradas. Christiano descobriu isso na prática. Antes de terminar o primeiro ano da faculdade, já era estagiário do Banco do Brasil.

Quando se formou, em 2001, coordenava uma biblioteca universitária e viajava pelo Brasil como consultor, modernizando acervos. Hoje, aos 25 anos, já passou pelo Ministério da Educação e pelo da Saúde e agora está na Secretaria de Administração do Distrito Federal. Sua especialidade são os softwares que levam livros, documentos e arquivos para o mundo digital, facilitando a busca.

“A tecnologia mudou radicalmente nossa profissão”, diz o professor Sebastião de Souza, da Universidade de Brasília, que oferece uma das mais estreladas graduações na área. A mesma tecnologia que tornou o acesso à informação mais fácil — e, supostamente, as bibliotecas menos necessárias — transformou a vida daquela senhora de coque atrás da escrivaninha, carimbando os livros devolvidos. Ho-

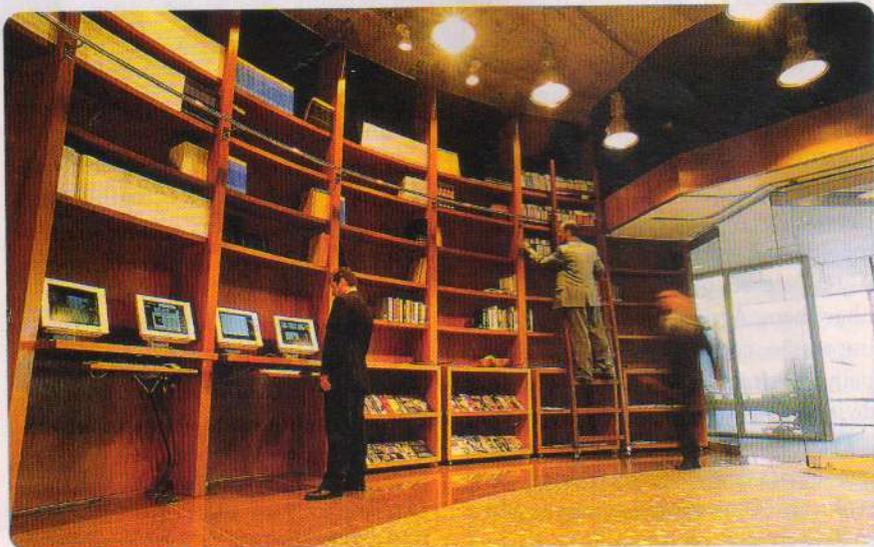
je, quem faz Biblioteconomia não é mais bibliotecário: é gestor da informação. O profissional da área não é apenas um guardião de obras raras, mas alguém capaz de analisar, resumir, classificar e distribuir o imenso volume de conhecimento produzido todos os dias no mundo. Ele está dentro de emissoras de TV, organizando as imagens do último jornal; nos maiores escritórios de advocacia, controlando os processos; nas grandes empresas, armazenando informações estratégicas; e até mesmo nas velhas e boas bibliotecas, tornando o conhecimento impresso disponível a um clique.

As faculdades acompanharam as mudanças. Para ver a primeira delas, basta dar uma volta pelos corredores: embora as mulheres ainda sejam maioria, os homens estão quase em-



ARQUIVO PESSOAL

Formado há quatro anos, Christiano já trabalhou no Ministério da Educação e no da Saúde, e agora está no governo do Distrito Federal. Sua especialidade é transformar o acervo de papel em formato digital



PEDRO ROCHA

As empresas ainda têm dificuldade para identificar suas necessidades. Cabe ao gestor da informação investigar, descobrir e entregar os resultados. A nossa é uma profissão de muito futuro”



RENATE LANDSHOFF
Proprietária da
Content Digital

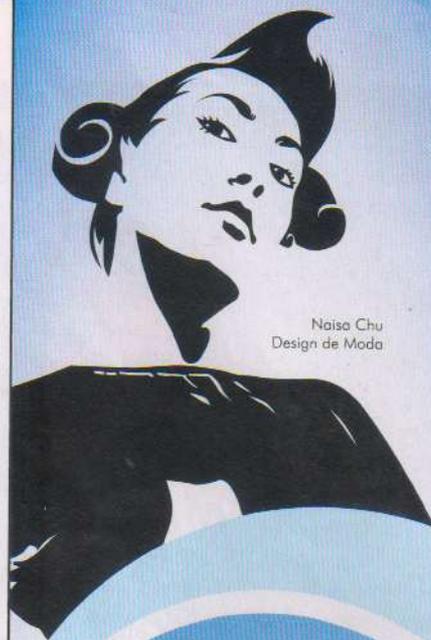
patando. As aulas também não são mais as mesmas. “Hoje, é impensável formar alguém sem ensinar informática, redes e bases de dados”, diz o professor Sebastião. Às disciplinas de tecnologia de informação, somam-se as de formação humana, como português, inglês, história e literatura. E, claro, aprende-se a usar ferramentas como leitura técnica, normas de classificação, sistemas de organização e métodos de pesquisa.

Os estágios começam normalmente no primeiro semestre. “Foi-se o tempo em que se contratavam estudantes mais experientes”, acrescenta Sebastião. “Na segunda metade do curso, eles já estão com a carteira assinada e trabalham como profissionais.” É isso mesmo. Na contramão da maioria das profissões, a biblioteconomia esbanja oportunidades. Apenas para gerenciar bibliotecas, as associações de classe calculam que haja um déficit de 80 mil profissionais no Brasil. Nem mesmo os concursos públicos abertos todos os anos para formados na área conseguem preencher a lista de vagas.

Organizações privadas, que antes ignoravam a carreira, passaram a acreditar na fórmula “informação é poder”. Além das empresas de comunicação — emissoras de TV e rádio, editoras e agências de publicidade —, tradicionais clientes do gestor de informação, abrem-se novas frentes. Com o aumento da competitividade,

qualquer dado pode fazer a diferença em um negócio. Precisa-se de profissionais capazes de reunir não só todos aqueles relatórios, mas também o capital intelectual dos funcionários, as notícias do setor, o que circula na intranet, os dados de processos e produtos e tudo que venha com números ou letras — e ainda entenda de tecnologia de informação para lidar com programadores de bancos de dados. Nas grandes corporações, criou-se até um cargo para esse gestor, com cadeira cativa na diretoria: o Chief Knowledge Officer, ou CKO. Adivinha quem tem o perfil perfeito para a vaga?

Com tanta demanda, o caminho de muitos profissionais é atuar como autônomo, em empresas próprias de consultoria, onde os ganhos mensais passam fácil dos 10 mil reais depois de apenas cinco anos de formatura. Foi o caminho escolhido por Renate Landshoff. Depois de 20 anos de experiência, Renate dirige há dois a Content Digital, firma própria especializada em levar a informação para a internet. Ela acredita que a profissão está se reinventando a cada dia. “As empresas ainda têm dificuldade para identificar suas necessidades, da mesma maneira que o usuário chega à biblioteca e não sabe em que livro está os dados de que precisa”, diz. “Cabe ao gestor da informação investigar, descobrir e entregar os resultados.”



Noísa Chu
Design de Moda

DuCM

**PROCESSO
SELETIVO
2006**

Graduação . Superiores Tecnológicos
Extensão . Pós-graduação

Faça diferente,
seja Belas Artes.



www.belasartes.br

11 5576 73 03
0800 772 50 10